

JARRO LITÚRGICO, VISIGÓTICO, DE BOBADELA (COIMBRA)

Mário Varela Gomes – Maria Manuela Alves Dias

INTRODUÇÃO

A peça agora dada a conhecer foi encontrada há cerca de trinta anos, durante a abertura de caboucos, no interior da povoação de Bobadela, destinados aos alicerces de uma casa. Naquela altura ali se descobriu, ainda, um aglomerado de tijolos, alguns mostrando letras incisas, sugerindo a possível existência de um templo ou de uma sepultura.

O pequeno jarro foi guardado pelo seu achador, devendo-se ao nosso Amigo Rui Quintela não só o conhecimento da sua existência como o facto de ter intercedido, junto do proprietário, de forma a podermos estudá-lo. Por proposta de um de nós (M.V.G.) foi ulteriormente adquirido, pelo I.P.P.C., para o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Trata-se do primeiro recipiente, deste tipo, a ter sido detectado no território hoje português. Um outro jarro litúrgico, de tipo diferente do de Bobadela, actualmente na colecção Rainer Daehnhardt, não tem origem precisa, dado ser proveniente do mercado de antiguidades, embora se julgue da região de Lisboa.

A povoação de Bobadela é sede de freguesia do concelho de Oliveira do Hospital, da qual dista 3 Kms, pertence ao distrito de Coimbra, situando-se entre a margem esquerda do rio Alva e a direita do Mondego (figura 1).

DESCRIÇÃO

Recipiente de bronze, com dimensões reduzidas, corpo fusiforme e perfil sinuoso, assente

sobre pé bem destacado, com colo alto, estrangulado e elegante, terminando em bordo, ligeiramente extrovertido, com lábio apontado. Este encontra-se danificado, mostrando contorno irregular e algumas fracturas. O pé, largo, tem forma troncocónica, de paredes curvas ou acampanulado, com ligeiro rebordo. A base seria plana. Falta-lhe o fundo e uma pega recurva, que ligaria a bordo a um ponto da área mesial do corpo (figura 2).

O colo, o corpo e o pé foram fabricados numa só peça, por repuxamento, enquanto o fundo e a asa terão sido fundidos à parte.

Mede actualmente 0.171 de altura, sendo o seu diâmetro máximo de 0.071 (volume mesial). Apresenta 0.052 m e 0.062 m de diâmetro, no bordo e no pé, respectivamente (figura 3).

As paredes, não muito regulares, oferecem 0.002 m de espessura média.

As superfícies exteriores encontram-se polidas, embora se descubram zonas onde se reconhece a acção dos abrasivos utilizados na sua regularização. Oferecem cor castanha e pátina verde, bem fixada, assim como pontos de corrosão, com carbonatos, de cor verde clara.

Na superfície exterior do bordo, a cerca de 0.003 m abaixo do lábio, observam-se os restos de um traço inciso que o demarca.

Em redor da superfície central da área mesial do corpo desenvolve-se uma cartela, sub-rectangular, delimitada por pequeníssimos semicírculos incisos, com 0.015 m a 0.020 m. de largura, onde se encontra inscrita uma frase constituída por catorze signos ou letras. A mesma decoração unguiforme, incisiva, contorna parte da zona de soldadura da asa.

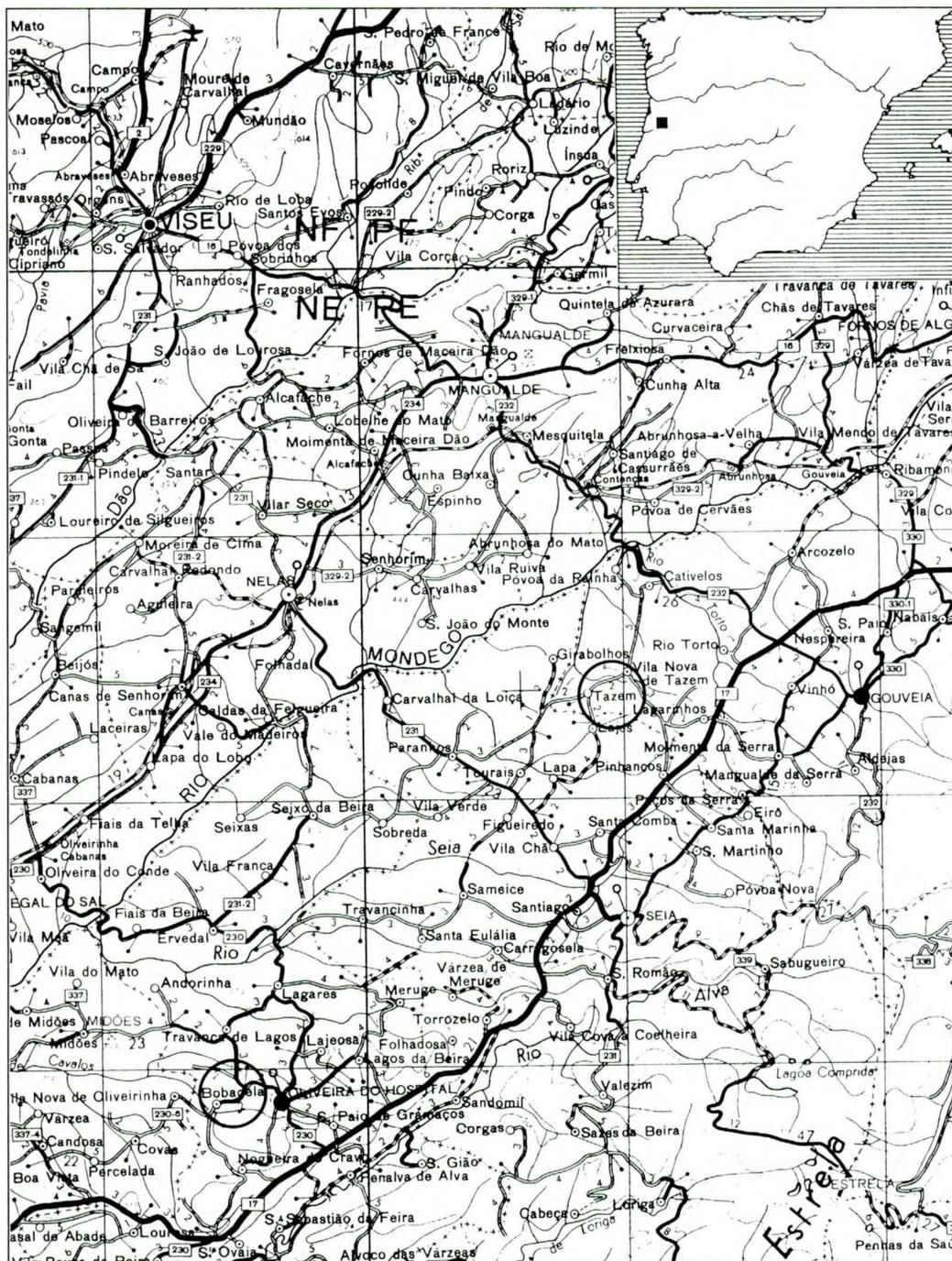


Figura 1. Localização de Bobadela e de Tazem (seg. a Carta Militar de Portugal, esc. 1:250.000, nº. 4, 1991).

A INSCRIÇÃO

Foi gravada por incisão, com traço fino e pouco profundo, num campo epigráfico definido por duas linhas de pequenos semicírculos incisos a punção, com direcções diferentes, com cerca de 0.02 m de largura e 0.20 m de extensão, contornando o centro do volume mesial do jarro e inte-

rrompida no ponto onde se soldava a asa. Cada letra foi estruturada por pequenos pontos, abertos a punção, depois unidos por finos traços incisos e contínuos. A altura daquelas é de cerca de 0.010 m, sendo todas maiúsculas e encontrando-se distanciadas por espaços que medem entre 0.007 m e 0.010 m, sem ter em conta a separação das palavras que formam.



Figura 2. Jarro litúrgico de Bobadela (Coimbra). Dois aspectos (Foto M. Gomes) (RV/90 - 5,6).

O texto foi elaborado sem atender à sua própria possibilidade de leitura, já que se apresenta invertido, só sendo facilmente legível quando o vaso estivesse invertido e, mesmo assim, teria de processar-se da direita para a esquerda. Cremos que esta disposição sinistrorsa do texto se deve ao efeito da manipulação da peça, de modo a facilitar a gravação das letras. Podemos considerar, como vestígios dessa procura de melhor posição de gravação, o facto evidente de as duas linhas pontilhadas, que definem o campo epigráfico, terem sido

realizadas em direcções diferentes, ainda o desenho fruste do primeiro *S*, que de algum modo terá servido como experiência para o traçado dos dois seguintes, e, talvez, também a omissão do *I* em *ecles<i>a*. Deve excluir-se a hipótese desta inscrição sinistrorsa, no bojo do vaso, ter sido feita no propósito de servir como matriz de estampilhagem, por rolamento, pois a finura da gravação e a posição da asa impediriam, de todo, essa função. Cremos que o que se terá passado foi resultante das dificuldades de utilizar-se um buril de dureza

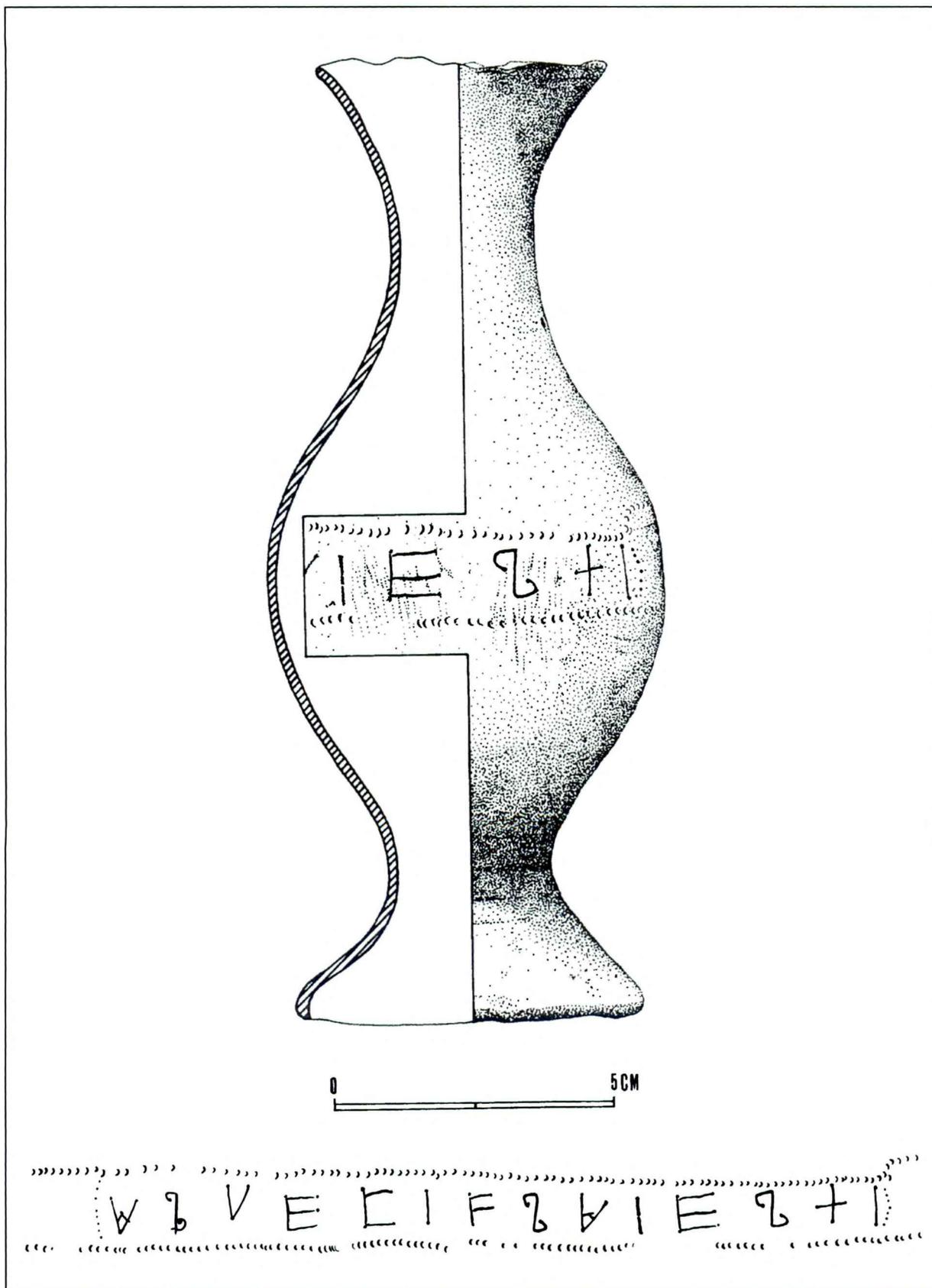


Figura 3. Jarro litúrgico de Bobadela (Coimbra). Desenho e decalque da inscrição (des. C. Gaspar)..

muito próxima à do suporte, pela mão de artífice pouco experimentado e iletrado.

Como características paleográficas essenciais, próprias da inscrição desta peça nota-se que:

a) Nos três AA, dois têm o traço mediano quebrado e um terceiro não oferece aquele elemento, devido certamente a falha do gravador.

b) Observa-se a ausência da haste horizontal do L e também falta a haste superior do segundo E da inscrição.

c) As hastes horizontais, e de igual tamanho, dos EE, foram gravadas com a preocupação de se manterem paralelas e horizontais.

d) Os SS, porventura as letras mais difíceis de gravar, foram realizados a partir de um traço recto, vertical, a que se juntaram as respectivas curvas, inferior e superior. Esta solução encontra paralelo na palavra *Ianuaris*, do epitáfio de *Leopardus*, descoberto em Mértola (em publicação) e datado do ano 526. Ali as curvas do S não chegaram a ser concluídas, ficando apenas gravado o traço que as uniria.

Pelas características paleográficas gerais do pequeno texto agora dado a conhecer, parece-nos admissível que este tenha sido gravado bastantes anos depois da manufactura do vaso, talvez quando foi necessário vinculá-lo como objecto de culto da respectiva igreja.

A sua transcrição é *ASAECLSAIES+I*, sendo +I=XI. Propõem-se as seguintes duas leituras:

1. *a S(ancta) Aecles<i>a Ies(u) Ch(rist)i.*
2. *a S(anct)a Ecles<i>a Ies(u) Ch(rist)i.*

Para ambas a tradução será “Da Santa Igreja de Jesus Cristo”, admitindo-se, na primeira versão, que a forma *aeclesa* substitui *aeclesia*. Na segunda hipótese aceitou-se que o primeiro A pertenceria a *Sancta*, dado que a forma *ecclesia* se encontra abundantemente registrada na Hispânia (Cf. *ICERV*, 301, 302, 303, 307, 505).

A locução *sancta aeclesia*, seguida de topónimo, em genitivo, está documentada na Península em epitáfios de Valência e de Mértola, neste último caso, datado de 525, sob a forma *sacrosanctae aeclisiae* (Cf. *IHC* 184 e 304 = *ICERV* 260 e 93, respectivamente, e Gondi, 1968, 126). Trata-se, portanto, de uma marca de posse.

Na hipótese de se tratar de uma doação a uma igreja, com omissão do nome do ofertante, deveríamos ler:

A(d) S(anctam) Aecles<i>am Ies(u) Ch(risti), NN dedit, o que não nos parece muito viável. De facto, não existe nada no texto que indique tratar-se de uma construção de *a(d)* com acusativo (pressupondo uma oferta), donde admitimos ple-

namente uma construção de *a(b)* com ablativo de posse.

Desconhecemos paralelos para este género de legenda, nos vasos rituais semelhantes, onde surgem antropónimos (em geral admitidos como nomes dos dignitários eclesiásticos, titulares das peças), e não, como parece ser este o caso, exclusivamente uma possível marca de propriedade de uma igreja.

PARALELOS E CRONOLOGIA

O pequeno jarro que descrevemos foi, como referimos, descoberto casualmente e, apenas, a notícia de no mesmo momento se ter observado grande número de tijolos, alguns com letras, nos conduz a pensarmos na possibilidade de integrar uma construção, templo ou sepultura, com carácter religioso. Aliás, no local do achado, a área urbana de Bobadela, têm há muito sido encontrados materiais romanos e, nos últimos anos, postas a descoberto significativas estruturas daquele período. Tais testemunhos não só nos certificam da grande importância do sítio, como nos permitem aceitar a manutenção de tal estatuto até à época em que terá sido utilizado o vaso litúrgico ali exumado e, por certo, então destacado centro religioso.

A forma do recipiente de Bobadela integra-se no tipo I do segundo grupo, ou dos jarros de fabrico hispanovisigodo, da sistematização técnica e cronológica elaborada por Pedro de Palol, publicada em 1950, para os «jarritos y patenas litúrgicos». Naquela obra, que apesar dos anos transcorridos ainda não sofreu qualquer revisão, dada a solidez das argumentações então aduzidas e a escassez de achados subsequentes, são definidos dois grandes grupos de bronzes: os de fundição total e os fabricados a partir de folha, de bronze, repuxada.

Os primeiros, importados e formalmente semelhantes aos provenientes das necrópoles alamanas do Würtemberg e do Rhin, tal como são afins das peças com origem itálica, nomeadamente lombarda (Nocera Umbra e Castel Trosino), têm cronologia do último terço do século VI e da primeira metade da centúria seguinte. As produções provenientes das necrópoles alamanas seriam derivadas das itálicas, podendo ser datadas na segunda metade do século VII, e terão dado lugar, segundo PALOL (1950, 61), aos tipos hispanos.

O segundo grupo, já de fabrico hispanovisigodo, para além de ser produzido de forma diferente, mostra, em geral, decoração ao gosto ibérico, por vezes inscrições, como acontece no exemplar de

Bobadela, e integra seis tipos formais (PALOL, 1950, 29, 66). O tipo I, a que pertence o jarro português, não é dos mais comuns, encontrando paralelos apenas no vaso e procedência desconhecida, hoje no Museu Arqueológico de Barcelona, no achado em Cuevas de Mañaria, na Biscaia, conservado no seu Museu Arqueológico (inv. n.º 958), ambos primeiramente publicados pelo saudoso Prof. MARTÍN ALMAGRO (1941; 1942), e depois, em 1950, por PALOL (1950, 66, 67, XXVI n.º 9 e 10) ou num terceiro, estudado por aquele mesmo autor (PALOL, 1964, 314, 316, est. 1) e possivelmente proveniente de uma sepultura da gruta de La Horadada em Mavé (Palencia). Este último recipiente é, talvez, o que mais se aproxima do de Bobadela, dado mostrar o mesmo tipo de corpo fusiforme, embora tendente para globular, perfil sinuoso, pé troncocónico largo, com ligeiro reborde e boca da dimensão da base. Esta forma é muito

semelhante à do vaso de Mañaria, cujo colo, no entanto, é menos estrangulado, diferindo bastante do jarro do Museu Arqueológico de Barcelona, de corpo bem mais fusiforme e de colo mais esbelto. Esta última peça é, também, a mais alta, pois mede 0.25 m de altura, enquanto que o vaso de Mañaria atinge 0.18 m, o de Bobadela 0.17 m e o de Mavé, apenas, 0.15 m (fig 4).

Os três jarros, que temos vindo a referir e foram encontrados em Espanha, oferecem pares de cordões horizontais, em relevo; sobre o colo e no corpo no caso do conservado no Museu Arqueológico de Barcelona, que também mostra uma decoração singela incisa em ziguezague entre aqueles, apenas sobre o corpo no vaso de Mañaria e sobre o colo no de Mavé. Neste último, tais cordões são decorados por finas incisões unguiformes, motivos que ainda ali demarcam uma larga faixa ornamentada, com temas fitomórficos inci-

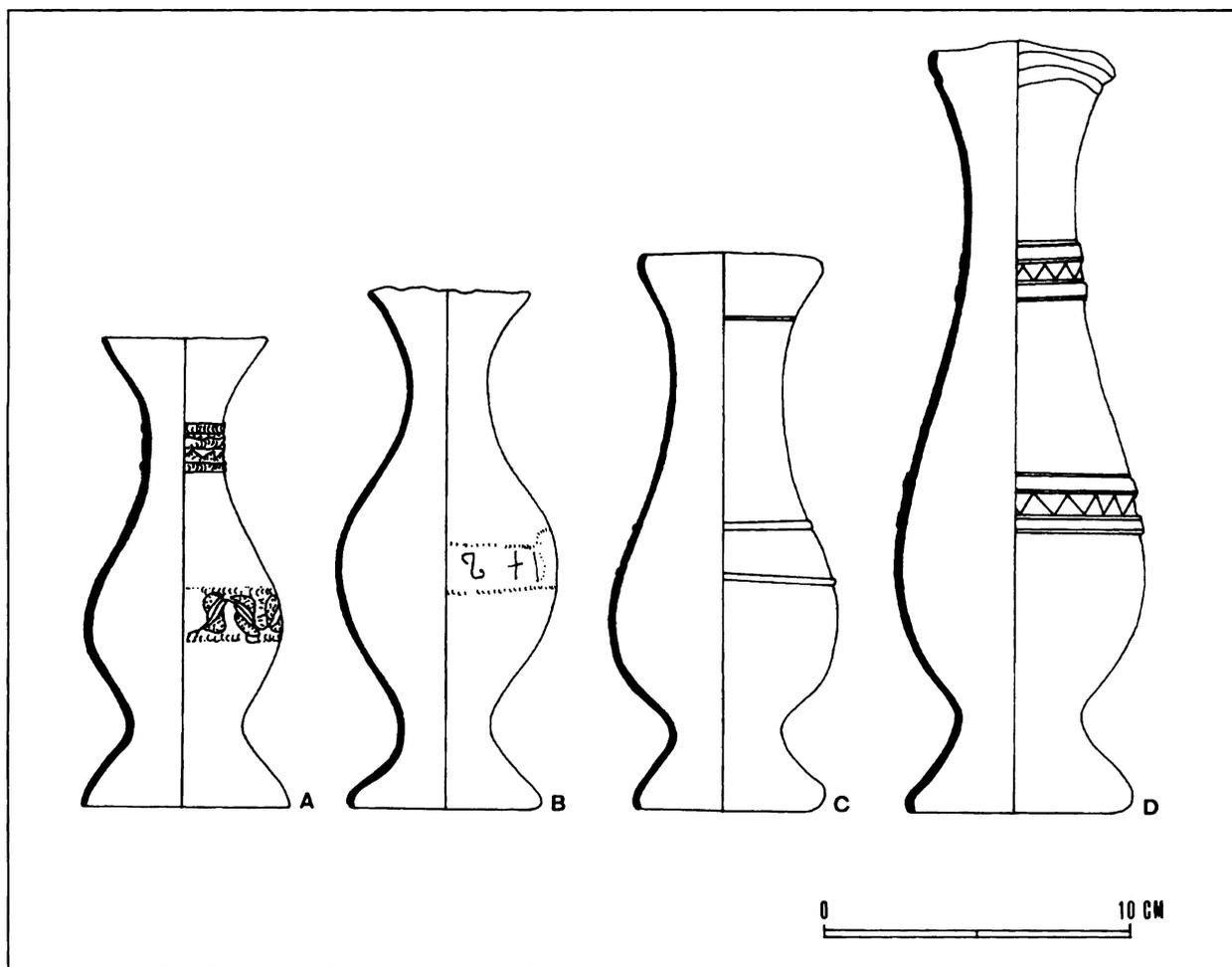


Figura 4. Jarros litúrgicos hispanovisigodos do tipo I de Palol (1950).

A. La Horadada, Mavé (Palencia); B. Bobadela (Coimbra); C. Cuevas de Mañaria (Biscaia); D. Prov. desconhecida (Museu Arqueológico de Barcelona) (A, seg. Palol, 1964, 314; C e D, seg. Palol, 1950, est. xxvi).

sos, sobre o seu corpo, e que também detectámos em posição idêntica a definir a cartela epigrafada do vaso de Bobadela. Nenhum dos paralelos observados exhibe, portanto, inscrições, encontrando-se todos já desprovidos das pegadas e conservando-se o fundo, somentente, no de Mañaria.

Esta forma de recipientes litúrgicos (tipo I) do grupo de factura hispânica é o que, segundo PALOL (1950, 66, 67), maiores semelhanças apresenta com o tipo estrangeiro II por ele definido, apesar das diferenças técnicas de fabrico apontadas, e do qual detectou não poucos exemplares encontrados na Península.

Observação semelhante é, aliás, feita pelo mesmo autor quando publica o jarro de Mavé, cuja forma então considera intermédia entre a do vaso de Mañaria e as importadas, do tipo do recipiente do depósito de Collet de Santo Antonio de Calonge (Gerona), ressaltando sempre a característica destes últimos serem fundidos numa só peça (PALOL, 1964, 317).

Desconhecemos as percentagens dos componentes que constituem a liga metálica com que foi fabricado o vaso de Bobadela. Contudo, a necessidade de uma maior ductilidade deixa pressupor tratar-se de liga rica em chumbo.

Uma análise feita ao jarro encontrado no Pico del Castro (Quintanilla de Arriba, Valladolid) de produção ibérica, do tipo v de Palol, ofereceu 71.8% de cobre e 17.8% de estanho, para 8.9% de chumbo (MAÑANES, 1989, 263).

Como inicialmente mencionámos, existe apenas um outro jarrinho litúrgico visigótico em Portugal, embora de origem incerta. Uma pátera do tipo das a que aqueles recipientes aparecem por vezes associados, sugerindo certa complementaridade de funções, é procedente Safail (Vila Nova de Tazem, Gouveia) (PALOL, 1950, 89), localidade situada a uns escassos trinta quilómetros de Bobadela. Esta proximidade geográfica parece indicar a existência, na região, de importante centro de religiosidade cristã, talvez sediado em Bobadela, na área de influência de *Aeminium*, conforme deixa supor a existência da sede episcopal nesta cidade a partir dos finais do século VI, em detrimento de *Conimbriga*.

Estes achados de bronzes litúrgicos hispanovisigodos na Bacia do Alto Mondego, tal como a grande maioria dos detectados ulteriormente à síntese de PALOL (1950), vêm confirmar a distribuição preponderante dos mesmos no Norte da Meseta, para lá do complexo montanhoso Estrela-Gata-Gredos-Guadarrama, e a tese daquele arqueólogo no que concerne à sua difusão a partir de

uma via mediterrânica, depois progredindo pelos vales dos rios Ebro, Jalón e Douro (PALOL, 1950, 160). Segundo o mesmo autor, um importante centro de produção daquelas peças, tal como de fechos de cinturão com placa rectangular rígida, por vezes com decorações zoomórficas, situar-se-ia na zona de maior concentração de achados, ou seja nas regiões de Santander, Palencia e Leão, mas muito provavelmente nesta última (PALOL, 1950, 160, 162).

A cronologia proposta para a torêutica visigótica assenta numa primeira síntese de SANTA-OLALLA (1934; 1934a), baseada na evolução das influências artísticas e políticas, por vezes contando com a associação de moedas datáveis a alguns dos achados. Assim, a um período inicial em que se fariam notar a presença dos primeiros contributos provindos do Leste Europeu, até 485, seguir-se-ia um outro onde aqueles se desenvolveriam em solo ibérico (485-620). Por fim, dar-se-iam significativas transformações durante a expansão política e cultura, bizantina e sob o novo «espírito orientalizante» então divulgado (621-711). A esta última etapa pertenceriam os jarros litúrgicos.

Para PALOL (1950, 162), as produções hispânicas, nas quais devemos integrar o recipiente de Bobadela, ter-se-ão sucedido, tal como as peças alamanas, às lombardas, sendo, portanto, da segunda metade do século VII. Por outro lado, outros objectos de torêutica ou numismas, a eles encontrados associados, permitem a sustentação daquela cronologia. Assim, os jarros de Cudón (Santander) e de Leão, este último na colecção Gago Rabanal, foram descobertos com fechos de cinturão liriformes, datáveis no século VII, enquanto que o jarro de La Grassa (Tarragona) estava integrado num tesouro constituído por oitocentas moedas visigodas, datadas de 586 a 653, ou seja de Recaredo a Chindasvinto. Também o jarro de Rosas (Gerona) foi encontrado com um fecho liriforme e um triente de Achila, dos finais do século VII e dos inícios do século VIII (PALOL, 1950, 24, 64, 69, 75, 77, 173).

CONCLUSÕES

A forma pouco evolucionada do jarro de Bobadela que, como indicámos, ainda é próxima da dos seus protótipos importados, permite, por tal facto, que o datemos no terceiro quartel do século VII, ou seja no período correspondente ao reinado de Recesvinto (649-672), época a partir da qual se tornou mais divulgada a utilização daqueles reci-

pientes. Embora não encontremos unanimidade nas opiniões entre quantos têm dado a conhecer e estudado estes vasos rituais, eles terão, necessariamente, de encontrarem-se conotados com a liturgia ulterior ao III Concílio de Toledo (589), com a conversão oficial ao Cristianismo, alcançando as comunidades moçárabes, conforme recordam as formas muito evolucionadas de alguns.

A sua função como contentor de água lustral, usada no baptismo, está atestada em algumas iluminuras dos séculos X e XI, como registou PALOL (1950, 24) (Antifonário da catedral de Leão e Beato da Catedral de Gerona). Outro argumento a favor desta utilização reside no facto de existirem, em jarros, inscrições de carácter invocatório como + ALBARI VITA, IOANI VITA LETICI, com um nome em anagrama seguido de VITA AMEN ou IN DOMINE + DEUS CONCEDAT VITA(M) ARVILDI. Contudo, aquele tipo de invocação pode, como bem notou PALOL (1950, 156, 157), ser também considerada como eucarística. De igual modo, a inscrição do jarro de Bobadela não nos oferece melhor indicação dado poder aplicar-se tanto às funções e ao ritual eucarístico como baptismal que, afinal, têm, em síntese, significados muito próximos. A favor de uma utilização eucarística encontra-se o letreiro +S ABITAT HIC de um jarro, tal como outros inseridos em páteras (PALOL, 1950, 156). Outras legendas indicariam a propriedade dos objectos que lhes servem de suporte, caso em que também se poderia inscrever o vaso de Bobadela. Por outro lado, no cânone 5 do pseudo IV Concílio de Cartago, como no cânone 28 do IV Concílio de Toledo, encontra-se prescrito oferecer aos sub-diáconos, no momento da sua ordenação, um aquamanil (PALOL, 1950, 26, 27). Cremos que os jarros litúrgicos teriam pois múltiplas funções, sendo utilizados tanto nas orde-

nações canónicas, como nas cerimónias de baptismo ou no sacramento eucarístico, onde guardariam o vinho consagrado.

A maioria daquelas peças chegaram até nós deformadas ou com falta da pega e do fundo o que, de acordo com algumas, possivelmente provenientes de sepulturas (Leão, Mavé, Bobadela, etc...), faz pensar terem sido inumadas com o seu proprietário, depois de ritualmente inutilizadas e de modo a não mais poderem ser usadas. Julgamos ter sido este mesmo procedimento que danificou o jarro litúrgico encontrado em Bobadela.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, M., 1941. Dos jarritos rituales de bronce visigodos, *Ampurias*, vol. III, pp. 150-152.
- ALMAGRO, M., 1942. Otro jarrito ritual visigodo, *Ampurias*, vol. IV, pp. 227, 228.
- GONDI, F.G., 1968. *Trattato di epigrafia cristiana, latina e greca, del mondo romano occidentale*, L'Erma di Bretschneider, 511 pp. Roma.
- MAÑANES, T., 1989. Una patena y un jarro litúrgicos visigodos hallados en la provincia de Valladolid, *Acta Mediaevalia*, núm. 10, pp. 257-265.
- PALOL, P., de, 1950. *Bronces Hispanovisigodos de Origen Mediterráneo. I Jarritos e Patenas Litúrgicos*, 191 pp., 135 figs., LXII ests, Barcelona.
- PALOL, P. de, 1964. Nuevos bronceos litúrgicos hispanovisigodos, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, vol. XXX, pp. 311-318.
- SANTA-OLALLA, J.M., 1934. Esquema de la Arqueología Visigoda, *Investigación y Progreso*, año VIII, pp. 103-109.
- SANTA-OLALLA, J.M., 1934a. Notas para un ensayo de sistematización de la arqueología visigoda en España. Períodos godo y visigodo. *Archivo Español de Arte y Arqueología*, núm. 29, pp. 139-176, XXXIV ests.
- VIVES, J., 1969. *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, Monumenta Hispaniae Sacra, 331 pp., XXIV ests, I mapa, Barcelona.